



RELATOS DE EXPERIÊNCIA

Festa, política e o corpo na rua:

Uma antropologia visual da parada da diversidade de cuiabá nos 50 anos de stonewall

Marcos Aurélio da Silva¹
Moisés Alessandro de Souza Lopes²

Resumo: Realizada desde 2003 na cidade de Cuiabá, a Parada da Diversidade reúne milhares de pessoas pelas ruas da cidade, num misto de festa e manifestação política. Herdeiras da batalha de Stonewall, as paradas fazem parte da paisagem brasileira, há mais de 20 anos, na luta por igualdade e direitos sociais. Se apresentando como um evento que simultaneamente tem o caráter de reivindicação política, visibilidade, festa e performance, a Parada de Cuiabá se tornou nos últimos anos um dos focos de pesquisas do Núcleo de Antropologia e Saberes Plurais (NAPlus), culminando na exposição que será aqui relatada. As fotografias são parte dos resultados dos projetos de pesquisa “Homossexualidades, preconceitos e discriminações. A construção social do gênero no universo LGBT da Grande Cuiabá” e da pesquisa de pós-doutorado “Gênero, performance e audiovisualidades: uma antropologia urbana de movimentações sociais e territorialidades políticas no contemporâneo” e pretendem abordar a trajetória das paradas da Diversidade de Cuiabá, as reivindicações políticas e a construção das performances.

Palavras-chave: Parada LGBT; Política; Performance; Cidade.

PARTY, POLICY AND THE BODY ON THE STREET:

A VISUAL ANTHROPOLOGY OF THE CUIABÁ DIVERSITY STOP IN THE 50 YEARS OF STONEWALL

Abstract: Held since 2003 in the city of Cuiabá, the Parade of Diversity gathers thousands of people through the streets of the city, in a mix of parties and political manifestations. Heirs to the battle of Stonewall, the parades have been part of the Brazilian landscape for over 20 years, in the struggle for equality and social rights. Presenting itself as an event that simultaneously has the character of political claim, visibility, party and performance, “Parada de Cuiabá” has in recent years become one of the research focuses of the Center for Anthropology and Plural Knowledge (NAPlus), culminating in in the exhibition that will be reported here. The photo-graphs are part of the results of the research projects “Homosexualities, prejudices and discrimination. The social construction of gender in the LGBT universe of Greater Cuiabá” and the postdoctoral research “Gender, performance and audiovisualities: an urban anthropology of social movements and political territorialities in the contemporary” and intend to address the trajectory of the parades of Cuiabá, their political demands and the construction of performances.

Keywords: LGBT parade; Politics; Performance; City.

¹ Professor Adjunto do Departamento de Saúde Coletiva e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). E-mail: marcoareliosc@hotmail.com.

² Professor Adjunto do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). E-mail: sepolm@gmail.com.



Introdução

No dia 22 de agosto de 2019, no Museu Rondon de Etnologia e Arqueologia da UFMT, foi aberta a exposição de curta duração *Festa, Política e o Corpo na Rua: uma antropologia visual da Parada da Diversidade de Cuiabá, nos 50 anos de Stonewall*, um trabalho de mais de cinco anos que conta com fotos e vídeos realizados em pesquisas de campo realizadas junto ao Departamento de Antropologia e ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Cuiabá conta desde 2003 com sua própria Parada da Diversidade que reúne anualmente milhares de militantes da população LGBT local. É uma parada que conta com peculiaridades, se comparada com as outras, pois é uma das poucas realizada em dias úteis, estabelecendo um diálogo direto com a população da cidade.

As paradas da diversidade são hoje realizadas em mais de 200 países, em todas as capitais brasileiras e em centenas de cidades do interior, sendo uma forma de luta política baseada na afirmação de uma existência. Suas origens estão alinhadas às chamadas políticas de visibilidade que marcam os movimentos LGBTs desde os anos 1960, quando nos Estados Unidos os militantes de Nova York e de São Francisco encontraram no “assumir-se” (outing) ou “sair do armário” (outing of closet) uma estratégia de afirmação e de evitação de que suas vidas privadas pudessem ser usadas contra si mesmos.

A primeira parada, realizada em 1970, em Nova York, tinha por objetivo justamente comemorar o primeiro ano da revolta de Stonewall, quando os frequentadores desse bar revidaram uma das muitas investidas policiais que até então não encontravam resistência. Os policiais contavam com o medo de exposição por parte desses frequentadores que não os enfrentavam para não serem presos. Mas, naquele 28 de junho de 1969, a batalha que se desenrolou por um final de semana deu ensejo à política do enfrentamento e da afirmação da existência que, ainda que ocupasse um lugar público como um bar, não tinha sua condição de possibilidade assegurada.

A parada de 1970 e todas as seguintes, assim como as realizadas nos Estados Unidos, espalhando-se pelo mundo nas décadas seguintes, tiveram e têm na batalha de Stonewall um mito de origem, um evento que não pode ser esquecido politicamente, tendo a sua comemoração a capacidade de atrair não apenas militantes e de se tornar um fenômeno de clamor popular. Apesar de muitas vezes ser lido como o mito fundador do movimento LGBT no Ocidente, Stonewall foi apenas um marco

divisor entre uma época de lutas em que a visibilidade não era uma questão importante para outra em que a visibilidade se torna uma prática coletiva e individual, uma política que encontra nas paradas seu principal ápice.



Numa tarde qualquer: produzindo territórios na cidade

A parada da diversidade de Cuiabá tem uma peculiaridade importante. É talvez a única, entre as realizadas capitais brasileiras, que não é realizada num domingo: de 2003 a 2015 aconteceu numa sexta-feira e, desde 2016, acontece num sábado. Não se trata de uma simples diferença de dia, uma vez que ela se dá em meio ao cotidiano urbano do centro de Cuiabá, enquanto as outras – ainda que ocupem espaços de destaque, como a Avenida Beira-mar em Florianópolis, a Avenida Paulista em São Paulo, as orlas do Rio de Janeiro e do Recife, só para citar alguns exemplos – são realizadas no domingo quando estes mesmos espaços são fechados para lazer ou para festas locais. Assim a parada de Cuiabá se constitui como um processo de territorialização bastante simbólico, ocupando não apenas um lugar central, mas desafiando o tempo do comércio, do trânsito caótico, o vai-e-vem urbano que marca um dia útil.

A parada da diversidade de Cuiabá torna-se aqui um campo de pesquisa excepcional para uma antropologia de paradoxos e controvérsias de que são alvo as paradas da diversidade sexual e de gênero ou do orgulho LGBT, no Brasil. Por ser uma das poucas paradas das capitais brasileiras a ser realizada num dia de semana comum, e não no domingo, sendo assim desvinculada de um final de semana de festas

que atraíam turistas, a parada de Cuiabá especial torna-se especial porque suas condições de realização poderiam fazer dela uma passeata reivindicatória como tantas outras que costumam irromper numa tarde brasileira.



Faça chuva, faça sol...

Uma forte chuva típica do mês de novembro surpreende na metade do percurso, mas é incapaz de dispersar a multidão. Apenas a gigante bandeira com as cores do arco-íris não mais tremula, recolhida assim que começou a chover. Além de não se realizar em dias de domingo ou feriado, a parada de Cuiabá conta também com a adversidade do tempo como o que poderia ser um empecilho para o seu sucesso. Se, quando realizada em novembro de 2014, foi inevitável que chovesse, quando foi realizada em setembro de 2015, se fez durante o período de seca em Mato Grosso, quando a temperatura ultrapassa facilmente os 40 graus. Ainda assim, sob as intempéries num dia comum, as paradas de Cuiabá têm reunido um público considerável entre 5 e 10 mil participantes entre 2011 e 2015 – a edição de 2010 teve um número recorde de 25 mil participantes, segundo a organização da parada.



“Direito não é privilégio”

De uma ponta a outra, a manifestação é comandada por travestis, *drag queens* e transformistas, profissionais da noite cuiabana, que puxavam palavras de ordem por vezes pendendo para o humor – “Não, não, não à discriminação, atrás de um silicone também bate um coração!” – ou faziam discursos políticos por direitos à igualdade. Um desses discursos aconteceu quando a parada passava em frente à prefeitura: o carro de som para e do alto dele, Daniella Veyga lembra o lema da parada neste ano (2016), “Direito não é privilégio”, e elabora uma fala em que lembra das eleições municipais que aconteceriam na semana seguinte, pedindo o “voto colorido”, ou seja, o voto em candidatos pró-políticas LGBTs, que eram uma minoria. E pede vaias aos fundamentalistas religiosos. O então presidente do Livre-Mente, Gabriel Figueiredo, cita o nome de deputados e vereadores que estão na cruzada anti-LGBT no estado, explicando o caso de leis que querem impedir materiais didáticos e discussões que falem de diversidade sexual e de gênero. A pausa do desfile em

frente à prefeitura se encerra com um “beijaço”: os desfilantes LGBTs são convidados a beijarem seus pares como forma de protesto.



Inscrições na paisagem

Unindo no mesmo evento a militância política – geralmente organizadora – e a população LGBT e simpatizante – não necessariamente membros das organizações não governamentais promotoras –, as paradas se tornaram um misto de festa com manifestação política, característica que é ao mesmo tempo sua maior força e também fonte de controvérsias. Enquanto desfilam em avenidas centrais dessas cidades, geralmente portando uma imensa bandeira com as cores do arco-íris, os participantes exibem suas produções corporais, práticas afetivas, grupos organizados, os ícones da música e da cultura pop com os quais dançam pelas ruas – em torno dos trios elétricos, forma-se uma pequena amostra da animação das boates frequentadas por parte da população LGBT –, ao mesmo tempo em que reivindicam direitos sociais, em discursos proferidos dos carros de som e nas faixas que anunciam as demandas: contra a homofobia e por sua criminalização, a favor da união civil e/ou do casamento entre pessoas do mesmo sexo, pelo fim da violência contra a população LGBT, pela separação de religião e política, pela não padronização do conceito de família, entre

outros, são temas que estiveram presentes em paradas como a de Cuiabá e certamente se repetiram em eventos do mesmo tipo no Brasil.



Carnaval e política

Essa união entre manifestação política e festa muitas vezes tem sido motivo de polêmicas. Há quem diga que esses eventos foram perdendo seu foco político, que se destacava mais no início, tornando-se um carnaval de grandes proporções onde a maioria dos participantes estaria mais interessado na festa do que nas suas reivindicações. Não se trata aqui de desvendar quais são os interesses de quem participa das paradas da diversidade, que certamente são múltiplos e as colocam, em cidades como São Paulo, entre os eventos que mais atraem turistas à cidade – sendo por isso vista com bons olhos pelo poder público. Embora não seja esse o caso da parada de Cuiabá, realizada por 13 anos numa sexta-feira comum, em horário comercial, ela se converte numa festa em que pessoas e grupos, geralmente colocadas à margem pelas forças hegemônicas locais e nacionais, territorializam as ruas centrais da cidade com suas

corporalidades e identidades. Beijos românticos entre pessoas do mesmo sexo ou a presença marcante de travestis, transexuais e transgêneros, que exibem seus corpos construídos como um desafio às normas de sexo e gênero, adquirem aqui uma força comunicativa igual ou maior do que os discursos políticos.



Cultura LGBT...

As paradas da diversidade apresentam ainda outras possibilidades teóricas. Pensar em “cultura LGBT” é um desafio para a antropologia por conta da problemática do termo cultura e sua presença marcante na história da disciplina. Mas no contexto estudado, esse conceito pode ser discutido e até mesmo repensado, uma vez que falar em “cultura LGBT” pode significar de tudo menos que se trate de um grupo homogêneo. As paradas dramatizam esse paradoxo e parecem criar um ilusório senso de comunidade, colocando no mesmo espaço celebratório pessoas geralmente afastadas no cotidiano. Ou seja, as paradas dramatizam a formação de uma comunidade que, apesar das múltiplas identidades, compartilha naquele momento um certo “essencialismo estratégico” reivindicatório que se desfará ao fim do evento. Assim, pensar em cultura LGBT é também estratégico pois dá conta de pensar em regularidades nas sociabilidades urbanas, sem pressupor uma comunidade homogênea.



Uma só bandeira

O uso da bandeira do arco-íris, como símbolo das comunidades e das paradas da diversidade LGBTQ realizadas pelo mundo, teve seu início nos anos 70, em São Francisco, quando Harvey Milk, um dos mais destacados militantes LGBTs da época, encomendou a um jovem artista-costureiro, Gilbert Baker, algo que simbolizasse a diversidade sexual. O artista teria se inspirado nos hippies que simbolizam a paz com o arco-íris e com a famosa canção «Over the Rainbow» (Harold Arlen e Yip Harburg), eternizada na voz de Judy Garland (outro ícone da cultura LGBT) no filme o Mágico de Oz, falando de um lugar melhor além do arco-íris. Cada cor da bandeira teria seu significado:

Pink is for sex, red for life, orange for healing, yellow for sun, Green for nature, turquoise for magic, blue for serenity and purple for the spirit. I like to think of those elements as in every person, everyone shares that. (Gilbert Baker)



Do mundo para Cuiabá

A Parada da Diversidade de Cuiabá é realizada por organizações não governamentais, como o Livre-Mente – Grupo de Conscientização em Direitos Humanos, de militância LGBT, criado em 1995, o mais antigo de Cuiabá, e a Liblés – Associação de Direitos Humanos, Sexualidade e Liberdade Lésbica, criada em 2004, como uma dissidência do Livre-Mente. Clóvis Arantes, membro do Livre-Mente, desde sua fundação, lembra que a parada cuiabana foi pensada ao longo de anos e custou a se concretizar por se achar que a cidade de Cuiabá não estaria preparada.

Ele conta que, em 2003, aproveitando que a parada de São Paulo ganhava mais projeção na mídia e se tornou a maior do mundo, os militantes locais acreditaram ser a hora e resolveram marcar a primeira edição para uma sexta-feira, poucas semanas depois da parada paulistana. Clóvis explica que a opção pela sexta-feira, destoando das outras paradas brasileiras, teve uma razão bem específica. A parada de Cuiabá foi pensada como um discurso para a cidade.

Não interessava falar para nós mesmos. Se nós queremos falar, não dá pra ser no final de semana, mas num momento em que a população está na rua. Às 15h de uma sexta-feira, paramos carro de som com os balões coloridos, na Praça da República. A gente achou que iam aparecer umas 15 pessoas. Para nossa surpresa, as pessoas começaram a chegar e seguiram atrás do carro de som. Mas foi rápido, tínhamos medo do que podia acontecer. (Clóvis Arantes, dirigente Livre-Mente)

A primeira parada de Cuiabá contou com 7 mil participantes. Clóvis ressalta que um dos principais resultados positivos foi a visibilidade conquistada, principalmente na mídia que durante um mês repercutiu o evento:

por mais de um mês quase não tinha um dia em que não houvesse uma nota nos jornais sobre a parada de Cuiabá, falando daquele momento de forma positiva. A imprensa acordou. Cuiabá tem gay, lésbica, travesti. A parada pra nós foi um marco, o primeiro momento de visibilidade maciça. (Clóvis Arantes, dirigente Livre-Mente)



Desde então, esse projeto de visibilidade se renova a cada ano, numa sexta-feira qualquer. Segundo Clóvis, houve algumas tentativas de se mudar o dia, mas sempre acaba prevalecendo a “ideia central da parada que é falar para fora, mostrar que essa é uma luta de todos, ganhar aliados”. Nesse sentido, o caráter festivo da parada não é visto por membros da militância cuiabana como um problema, chegando-se mesmo a valorizar a festa como forma de estabelecer um canal de comunicação com a população. É através da carnavalização que circulam as reivindicações desses sujeitos.



As paradas comunicam a diversidade não só de identidades, mas também de contextos em que vive a população LGBT. Em quase todas elas, as imagens festivas se dividem com representações da violência estrutural que marca a vida de muitos sujeitos. Em 2015, na parada paulistana, a travesti Viviane Beleboni causou um debate nacional ao representar a crucificação em cima de um trio elétrico. Já a parada cuiabana de 2013 teve como tema “Estado Laico: sua religião não é nossa Lei” e, durante a concentração, ocorreu uma performance desenvolvida por estudantes da Universidade Federal de Mato Grosso representando a violência LGBTfóbica apoiada e sustentada pelos discursos cristãos contra a diversidade sexual. Ocorreu também a elaboração de cartazes por estes estudantes para uso na manifestação. No coreto da praça, um grupo de cerca de 50 religiosos neopentecostais, pregavam, entoavam hinos e apontavam para os participantes da parada pedindo que Deus os livrasse do “homossexualismo”. Enquanto isso, os LGBTs dançavam e cantavam ao som dos trios elétricos.



“Mostrar que existimos”

Ainda que as paradas realizadas no Brasil e no mundo guardem suas peculiaridades, existem pontos de contato entre elas que serão explorados neste artigo com vista a pensá-las como performances culturais de modelo transnacional que comunicam e desafiam os contextos locais:

- a) criam um sentido de comunidade, mas muito mais para dramatizá-la. Indivíduos que podem estar afastados no cotidiano performam um “estar junto”, constituindo assim uma comunidade, ainda que provisória, para eles mesmos e para quem os assiste.
- b) guardam semelhanças com um carnaval, o que tem sido um ponto negativo para uns, positivo para outros. Do ponto de vista antropológico, citado acima, e da própria história das paradas do orgulho LGBT, como será visto adiante, não faz sentido tal distinção entre carnaval e parada como se simbolizassem a oposição festa e política.
- c) compartilham pautas bem parecidas a cada ano, mostrando a violência estrutural da homofobia, a necessidade de leis que garantam direitos igualitários, o direito à família com questões sobre casamento e adoção, entre outras, eixos comuns ao Brasil e ao Ocidente.
- d) ocupam lugares privilegiados da cidade, como a Avenida Paulista, a Beira-Mar de Florianópolis, orlas nobres do litoral do Rio de Janeiro e do Recife, promovendo

inscrições no tecido urbano num contexto de produção de visibilidade como demanda política. “É preciso mostrar que existimos” é uma ideia que a permeia desde a origem.



O festivo e o carnavalesco, a partir do exemplo da parada cuiabana, parecem inerentemente vinculados às paradas da diversidade e do orgulho LGBT. Guardadas as suas proporções, em termos de uma constelação de identidades, corporalidades e afetos que irrompem pelas ruas da cidade, a Parada de Cuiabá nada deixa a dever às paradas dos grandes centros. Os menos de 10 mil participantes conseguem produzir efeitos muito semelhantes aos mais de 1 milhão que marcam a parada paulistana, pois não é a quantidade que provoca o efeito de ranhura nessa inscrição nas paisagens citadinas e simbólicas de Cuiabá. Aqui também estão os go-go boys no alto dos trios elétricos, as *drag queens* e seu humor escrachado e debochado, os beijos entre casais do mesmo sexo, as travestis e transexuais com seus corpos que apontam o caráter construído dos gêneros, as famílias e os amigos de escola que simplesmente querem festejar. Uma comunidade LGBT é encenada, construindo uma identidade estratégica e provisória.



Assim, a ideia de que o festivo apaga a militância política é desafiada pela parada cuiabana, mas também pela própria história das paradas realizadas no mundo e na história da própria militância que se fez na mescla entre atuação política e espaço de sociabilidade. A ocupação de bares, boates e espaços de entretenimento podem ser vistas como ação política, ao ressaltarem processos de territorialização de sujeitos à margem da cidade. A ocupação de espaços centrais da cidade por grupos periféricos ou marginalizados também fazem da parada uma forma de apropriação da cidade, uma tomada simbólica de espaços públicos negados aos que estão à margem. Ainda que não concretizem nenhum resultado para as urgentes necessidades da população LGBT, em termos políticos, seus efeitos podem ser mais afrontadores aos discursos de uma política anti-LGBT que está em curso no país e no mundo, nas décadas iniciais do século XXI.



Referências

LOPES, Moisés; SILVA, J. C. A. **“De chapa e cruz”, “pau rodados” aqui “tem de um tudo”. Da movimentação de homossexuais ao movimento LGBT de Cuiabá e do Mato Grosso.** Aceno - Revista de Antropologia do Centro-Oeste, vol. 2, n. 4, p. 45-67, 2015.

SILVA, M. A. **Numa tarde qualquer: Uma antropologia da Parada da Diversidade em Cuiabá e da cultura LGBT no Brasil contemporâneo.** Bagoas, vol. 10, n. 15, p. 101-130, 2016a.

SILVA, M. A. **O corpo na cidade: festa, militância e os caminhos das políticas LGBTs em Mato Grosso e no Brasil.** Amazônica – Revista de Antropologia, vol. 8, n. 1, p. 142-171, 2016b.

Recebido em: 25/10/2019

Aceito em: 25/01/2020